

DOI: 10.35621/23587490.v8.n1.p668-683

## ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS TENTATIVAS DE SUICÍDIO POR INTOXICAÇÃO EXÓGENA

### EPIDEMIOLOGICAL ANALYSIS OF SUICIDE ATTEMPTS BY EXOGENOUS POISONING

Allana Renally Cavalcante Santos de Moraes<sup>1</sup>  
Raquel Costa e Silva<sup>2</sup>  
Edenilson Cavalcante Santos<sup>3</sup>

**RESUMO:** O suicídio é um fenômeno complexo e multifatorial, em que a depressão, transtorno bipolar, esquizofrenia, problemas familiares e socioeconômicos, abuso de álcool e drogas podem ser fatores desencadeantes para esta ação. **Objetivo:** Descrever o perfil epidemiológico das tentativas de suicídio no Brasil, durante o ano de 2017. **Método:** Pesquisa transversal, de caráter quantitativo, qualitativo e documental, obtidos a partir dos dados notificados na plataforma Datasus (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde), pelo SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) por intoxicações exógenas no país, especificamente a circunstância de tentativa de suicídio. **Resultados:** Entre janeiro e dezembro de 2017, foram notificados 132.843 casos de intoxicações exógenas, entre os quais, 50.759 (38,2%) corresponderam a tentativas de suicídio. Verificou-se também que o gênero feminino foi o que apresentou maiores índices de ideação suicida, com 37.099 (73,1%) dos casos relacionados, com faixa etária entre 20 a 39 anos (17.552; 47,3%), ensino fundamental incompleto (6.373; 17,3%), utilizando-se de ingestão proposital de medicamentos (29.955; 79,7%). Verificou-se também que as tentativas de suicídio podem atingir as faixas mais jovens da população estudada (10 a 14 anos) (3.111; 6,1%). **Conclusão:** A partir dos resultados obtidos, verificou-se que as mulheres possuem maiores chances de ideação e planejamento suicida do que os homens. Os agrotóxicos também consistem em agentes bastante utilizados, principalmente pelos homens, apesar de toda legislação vigente. Desta forma, a compreensão do perfil dos indivíduos com ideações suicidas pode subsidiar ações duradouras de promoção em saúde mental através da atenção básica e assistência psicossocial.

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Enfermagem - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Farmácia Generalista - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

<sup>3</sup> Mestre em Saúde da Família - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), médico plantonista do Hospital de Emergência e Trauma Dom Luís Gonzaga Fernandes (HETDLGF - CG).

**Palavras chave:** Autoextermínio. Saúde Mental. Envenenamento.

**ABSTRACT:** *Suicide is a complex and multifactorial phenomenon, in which depression, bipolar disorder, schizophrenia, family and socioeconomic problems, alcohol and drug abuse can be triggering factors for this action. **Objective:** To describe the epidemiological profile of suicide attempts in Brazil during 2017. **Method:** Cross-sectional, quantitative, qualitative and documentary research, obtained from data reported on the Datasus platform (Department of Informatics of the Unified Health System), by SINAN (Notifiable Disease Information System) for exogenous intoxications in the country, specifically the circumstance of attempted suicide. **Results:** Between January and December 2017, 132,843 cases of exogenous poisoning were reported, among which, 50,759 (38.2%) corresponded to suicide attempts. It was also found that the female gender had the highest rates of suicidal ideation, with 37,099 (73.1%) of the related cases, aged between 20 and 39 years (17,552; 47.3%), incomplete elementary school (6,373; 17.3%), using purposeful medication intake (29,955; 79.7%). It was also found that suicide attempts can reach the youngest groups of the population studied (10 to 14 years old) (3,111; 6.1%). **Conclusion:** From the results obtained, it was found that women have greater chances of suicidal ideation and planning than men. Pesticides also consist of widely used agents, mainly by men, despite all current legislation. Thus, understanding the profile of individuals with suicidal ideations can support long-term actions to promote mental health through primary care and psychosocial assistance.*

**Keywords:** *Self-extermination. Mental Health. Poisoning.*

## INTRODUÇÃO

Uma das mais antigas temáticas relacionadas à saúde da população e a maneira como esta consegue atingir a sociedade, é a temática do suicídio. Sua importância no meio social, em tempos históricos, pode ser identificada desde a Grécia antiga. No entanto, em relação a tempos modernos, desde o século XVIII, tem sido tratado com um evento social, multifacetado, detentor de inúmeras concepções, sendo estas, econômicas, filosóficas, históricas e sociológicas (RIBEIRO; MOREIRA, 2018).

Desta forma, não há uma definição única aceitável da palavra “suicídio”, no entanto, sabe-se que implica na vontade consciente de morrer e do conhecimento claro dos resultados de seus atos. É uma palavra originada do latim, formada pelos termos *sui* (si mesmo) e *caederes* (ação de matar). Esse termo teria sido um neologismo latino, da Inglaterra de 1630. No entanto, ele foi utilizado primeiramente em língua francesa pelo abade Desfontaines (em 1734, ou 1737) tendo como significado, “o assassinato ou morte de si mesmo” (ARAÚJO; VIEIRA; COUTINHO, 2010; KUCZYNSKI, 2014).

O suicídio é um fenômeno complexo e multicausal, sendo assim, este é resultado da interação de vários fatores, sendo estes de ordem, antropológica, biológica, psicológica, filosófica e o seu ápice ocorre no próprio ato realizado pelo indivíduo, que é o de pôr fim à vida (RAMOS *et al.*, 2019; RIBEIRO *et al.*, 2018).

O Brasil é o oitavo país em número de suicídios no mundo, ficando atrás de países como a Índia, China, Estados Unidos, Rússia, Japão, Coreia do Sul e Paquistão. Ademais, os meios mais utilizados no suicídio são o enforcamento, seguido pelo uso de arma de fogo, e por fim o envenenamento, sendo considerado um relevante problema de saúde pública, visto que, segundo estatísticas mundiais, há a ocorrência de um suicídio a cada 40 segundos (CARDOSO *et al.*, 2012; DA SILVA *et al.*, 2018; VIEIRA; SANTANA; SUCHARA, 2015).

Assim, o suicídio vem dizimando pessoas em todas as partes do mundo, estimando-se que para cada caso de suicídio, existem pelo menos dez tentativas de gravidade suficiente para requerer cuidados médicos, e que as tentativas sejam até quarenta vezes mais frequentes do que os suicídios consumados (VIDAL; GONTIJO; LIMA, 2013). Neste contexto, objetiva-se, neste estudo, descrever o perfil epidemiológico das tentativas de suicídio no Brasil, durante o ano de 2017.

## **MÉTODO**

O presente estudo trata-se de uma pesquisa transversal, de caráter quantitativo, qualitativo e documental, sendo realizada no primeiro semestre de 2020. Os resultados foram obtidos a partir dos dados notificados na plataforma DATASUS (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde), sobre as notificações registradas por intoxicações exógenas no país, mais especificamente a circunstância de tentativa de suicídio (BRASIL, 2020).

Como estes agravos tratam-se de notificação compulsória em todo o território nacional, os dados foram obtidos a partir das notificações feitas para o Ministério da Saúde. As variáveis analisadas foram gênero, nível de escolaridade, faixa etária, agente tóxico e evolução. O ano amostral refere-se a 2017, uma vez que corresponde aos últimos dados consolidados e atualizados em 2019 pelo sistema DATASUS. Os dados foram tabulados no Microsoft Excel 2013, submetidos à análise estatística descritiva.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A Revolução Industrial, no século XIX, assim como as demais, gerou mudanças significativas na organização da sociedade, o que originou estudos direcionados aos processos de transformações sociais, assim como gerou mudanças

no âmbito político, cultural e econômico. Em 1897, Émile Durkheim, em seu livro “*O Suicídio*”, tornou-o como obra fundamental, direcionando o foco de associação do indivíduo para a sociedade; da moral, para os problemas sociais. Assim, esse sociólogo analisando as taxas de suicídio em vários países, pode-se considerar o suicídio como um fator social e sua correlação com a coesão social nas mais diversas culturas, visto que, ocorria uma enorme transição em escala global, ou seja, a antiga organização da comunidade estava sendo abalada pela industrialização (BOTEGA, 2015; LUEDKE FILHO; FLORA; MENDES, 2019).

No que tange ao Brasil, também foi no século XIX, que se iniciaram as pesquisas sobre o suicídio, através das Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, em que os médicos se dedicaram a abordar os distúrbios mentais, das diferenças sexuais, das influências da sociedade e literatura (FALK, 2010).

O “suicídio”, pode ser definido como o ato de cessar a própria vida. A “tentativa de suicídio” por sua vez, são os atos realizados no qual os indivíduos tentam cessar sua vida, que, no entanto, podem não resultar em óbito. Além disso, há inúmeros fatores relacionados para essa ação, como a depressão, transtorno de humor bipolar, esquizofrenia, características de personalidade, abuso de álcool e outras drogas, problemas de âmbito familiar, socioeconômicos, entre outros. No entanto, a situação de risco torna-se maior quando há a combinação desses fatores, como: depressão e alcoolismo; ou depressão, ansiedade e agitação (BOTEGA, 2014; FREITAS; BORGES, 2014; CAVALCANTE; MINAYO, 2015).

O ato do suicídio gera inúmeras consequências, não apenas para aquele indivíduo que se suicida ou tenta realizá-lo, mas também envolve todos aqueles que o cercam, familiares, cônjuge, amigos do trabalho, vizinhos, entre outros que participam de sua vida direta ou indiretamente (CARDOSO, 2012).

Aproximadamente 4 a 5% dos pacientes com depressão cometem suicídio, e maior parte procura auxílio médico 1 mês antes de sua morte. Outrossim, os países onde o índice de mortalidade por suicídio é alto, a notificação de óbitos é feita com maior cautela, seriedade e regularidade. Portanto, os profissionais de saúde, especialmente os médicos devem sempre questionar sobre a temática do suicídio quando avaliam um paciente deprimido (FAUCI *et al*, 2011; LOUZÃ NETO; ELKIS, 2007).

Segundo os dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), o mesmo é responsável anualmente por um milhão de óbitos (correspondendo a 1,4% do total de mortes). Dessa forma, diante da amplitude do tema, em 2014, a OMS divulgou o primeiro relatório com abordagens sobre esse tema, para auxiliar na construção de políticas públicas a fim de prevenir o suicídio, em consonância com os governos nacionais (BOTEGA, 2014; FERREIRA JÚNIOR, 2015).

Apesar do conhecimento dos dados e do reconhecimento da complexidade dessa problemática, infelizmente esse tema tão pertinente é tratado ainda como um “tabu”. Além disto, é notório que há falhas na formação dos profissionais de saúde, especialmente médicos, quanto à saúde mental, bem como a carência de especialistas nessa mesma área. Sendo assim, muitos pacientes após tentativas de suicídios, são liberados dos serviços sem ter uma avaliação psíquica para determinar o risco (LOUZÃ NETO; ELKIS, 2007; MOREIRA *et al.*, 2015; RIBEIRO *et al.*, 2018; TEIXEIRA; SOUZA; VIANA, 2018).

Deste modo, o reconhecimento dos fatores de risco nas tentativas de suicídio é fundamental, e de extrema importância, o que subsidia profissionais da saúde a determinarem clinicamente o risco, e a partir disto, estabelecerem estratégias para reduzir os riscos. Entre estes fatores, inclui-se tentativas prévias de suicídio, uma vez que no Brasil, 50% daqueles que se suicidaram já haviam tentado pelo menos uma vez antes (SILVA *et al.*, 2016).

Posteriormente, além das questões emocionais que influenciam toda a família do paciente suicida, este agravo acarreta custos significativos para o Sistema Único de Saúde (SUS), no qual, COSTA *et al.* (2015) analisou em 10 anos as internações hospitalares e óbitos por suicídios no Brasil, e identificou 77.648 óbitos e 102.031 hospitalizações, além de gastos superiores a R\$ 35 milhões de reais

Estes dados, embora preocupantes, ficam, porém, muito aquém da realidade, porquanto o suicídio constitui um fenômeno reconhecidamente subdeclarado, porque de um modo geral, a morte por suicídio é uma morte fortemente estigmatizada por razões de ordem religiosa, sociocultural e política (SILVA, 2015).

Em relação aos agentes tóxicos utilizados para as tentativas de autoextermínio, nos últimos dez anos, os medicamentos figuram como os agentes mais utilizados (DATASUS, 2020), o que se explica na facilidade de acesso a

medicamentos, como também de agentes como raticidas, principalmente na residência da vítima (RIBEIRO *et al.*, 2018).

A autointoxicação por medicamentos é o método mais comum de suicídio em mulheres, e o segundo mais frequente em homens, sendo os ansiolíticos, antidepressivos e analgésicos os agentes mais utilizados nas intoxicações (ARRAIS; BRITO; COELHO, 2005; KAPUR *et al.*, 2005), enquanto que os homens, principalmente os trabalhadores rurais, devido ao fato de possuírem maior disponibilidade de agrotóxicos, tentam suicídio por estes agentes mais do que as mulheres, conseqüentemente a letalidade tende a ser maior (MEYER; RESENDE; ABREU, 2007).

Diante do exposto, faz-se necessário o monitoramento dos dados acerca das tentativas de suicídio, analisando e compreendendo o perfil epidemiológico, a fim de que o melhor entendimento e capacitação subsidiem o desenvolvimento de estratégias que promovam a capacitação multiprofissional para a prevenção do suicídio.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Entre janeiro e dezembro de 2017, foram notificados pelo SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), 132.843 registros de intoxicações exógenas. Logo, as tentativas de suicídio figuram como as principais circunstâncias destes agravos registrados, apresentando 50.759 (38,2%) casos (BRASIL, 2020).

Verificou-se também que o gênero feminino foi o que apresentou maiores índices de tentativa de suicídio, entre os quais, demonstrando 37.099 casos, cerca de 73,1% dos casos relacionados. Em relação a Tabela 1, verifica-se que, além do gênero feminino ser o mais prevalente, em relação a faixa etária, aquela com maior predominância, foi aquela correspondente dos 20 aos 39 anos, para ambos os sexos. Estudos como de Grigoletto *et al.* (2020) e Trevisan; Santos e Oliveira (2013) entram em consonância com os dados nacionais expostos, em que se registrou um

número bem maior de mulheres que tentaram suicídio, principalmente na faixa etária entre 20 a 39 anos.

Em relação a estudos acerca da temática de suicídios, encontram-se dados equânimes quanto à predominância do gênero feminino nas tentativas de suicídio. Esta diferença entre os gêneros pode estar atrelada a fatores como as mulheres estarem mais suscetíveis à violência moral e/ou sexual, agressão física, também possuindo maior tendência ao desemprego e sobrecargas atribuídas ao papel social da mulher (BOTEGA, 2015; GRIGOLETTO *et al.*, 2020). Ainda, de acordo com Pontes (1998), a mulher tenta dez vezes mais o suicídio do que o homem, embora ela consiga atingir a letalidade três vezes menos do que ele, nisso, entende-se que a tentativa de autoextermínio é mais uma forma de comunicação e apelo em si, do que a vontade de desistir de viver.

Verificou-se também as tentativas de suicídio nas faixas mais jovens da população estudada (10 a 14 anos), onde Moreira *et al.* (2015) descreve como comportamento impulsivo e de baixa intencionalidade, que podem estar ligados a adversidades da adolescência, como conflitos familiares, mas que merecem atenção, devido ao fato de estar relacionado à vulnerabilidade do menor. Em relação ao nível de escolaridade, indivíduos com ensino fundamental incompleto (8.824; 17,4%) foram os mais propensos a tentarem o autoextermínio. Dados semelhantes foram encontrados nos estudos de Vidal, Gontijo e Lima (2013), e Grigoletto *et al.* (2020), em que os autores concordam que a tentativa de suicídio em si está intimamente relacionada com a baixa escolaridade, o que conseqüentemente reduz oportunidades econômicas e sociais, gerando sofrimento e potencial de risco.

Conseqüentemente, esta fração da população brasileira sofre com a desigualdade social, dificuldades de acesso à moradia, saneamento básico, educação, lazer, tornando estes indivíduos mais vulneráveis à exclusão, violência e adoecimento psíquico e decaimento de expectativas na vida (GRIGOLETTO *et al.*, 2020).

**Tabela 1** - Notificações de tentativas de suicídio pelo SINAN, de acordo com gênero, faixa etária, grau de escolaridade, agente tóxico e evolução do caso, em 2017.

<b>Gênero</b>	<b>Masculino</b>		<b>Feminino</b>		<b>Total</b>	
<b>Faixa Etária</b>	<b>n</b>	<b>%</b>	<b>n</b>	<b>%</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
10 - 14 anos	356	2,6	2.755	7,4	3.111	6,1
15 - 19 anos	2.385	17,5	7.663	20,7	10.048	19,8
20 - 39 anos	7.327	53,6	17.552	47,3	24.879	49,0
40 - 59 anos	2.827	20,7	7.812	21,1	10.639	21,0
≥ 60 anos	599	4,4	974	2,6	1.573	3,1
Ignorado/Branco	166	1,2	343	0,9	509	1,0
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	86	0,6	143	0,4	229	0,5
Ensino Fundamental incompleto	2.451	17,9	6.373	17,2	8.824	17,4
Ensino Fundamental completo	834	6,1	2.259	6,1	3.093	6,1
Ensino Médio incompleto	1.523	11,1	4.459	12,0	5.982	11,8
Ensino Médio completo	1.950	14,3	6.049	16,3	7.999	15,8
Ensino Superior incompleto	380	2,8	1.238	3,3	1.618	3,2
Ensino Superior completo	292	2,1	1.113	3,0	1.405	2,8
Ignorado/Branco	6.144	44,9	15.465	41,7	21.609	42,6
<b>Agente Tóxico</b>						
Cosmético	22	0,2	64	0,2	86	0,2
Produto Veterinário	259	1,9	278	0,7	537	1,1
Produto Químico	216	1,6	254	0,7	470	0,9
Drogas de Abuso	240	1,8	165	0,4	405	0,8
Domissanitários	401	2,9	745	2,0	1.146	2,3
Agrotóxico	1.330	9,7	1.180	3,2	2.510	4,9
Raticida	1.669	12,2	2.164	5,8	3.833	7,6
Outros	387	2,8	487	1,3	874	1,7
Medicamento	8.386	61,4	29.569	79,7	37.955	74,8
Ignorado/Branco	750	5,5	2.193	5,9	2.943	5,8
<b>Evolução</b>						
Cura sem sequelas	10.427	76,3	29.891	80,6	40.318	79,4
Cura com Sequela	204	1,5	437	1,2	641	1,3
Óbito por Intoxicação Exógena	389	2,9	355	1,0	744	1,4
Perda de Seguimento	334	2,4	817	2,2	1.151	2,3
Ignorado/Branco	2.306	16,9	5.599	15,1	7.905	15,6
<b>TOTAL</b>	<b>13.660</b>	<b>100,0</b>	<b>37.099</b>	<b>100,0</b>	<b>50.759</b>	<b>100,0</b>

Fonte: DATASUS, 2020.

Quanto ao agente tóxico utilizado, os medicamentos ocupam a primeira posição, com uma diferença notável entre os demais agentes, no qual verificou-se 37.955 casos ao total, sendo que as mulheres foram as maiores usuárias destes agentes, com um total de 29.569 casos, ou seja, 79,7% do total.

Os pacientes que tentam suicídio, geralmente utilizam mais de um tipo de substância, sendo medicamento ou não, quando a intoxicação é voluntária (BERNARDES; TURINI; MATSUO, 2010). Alguns estudos enfatizam o uso de vários agentes à maior intenção suicida, principalmente no que se refere ao uso concomitante de bebida alcoólica e medicamentos, principalmente entre os homens (GONDIM *et al.*, 2017).

No que se refere às classes farmacológicas mais utilizadas, os fármacos psicoativos, principalmente ansiolíticos, antidepressivos e anticonvulsivantes se apresentam como os medicamentos mais utilizados nas tentativas de suicídio (TOWNSEND *et al.*, 2001). Bernardes, Turini e Matsuo (2010) verificaram em seu estudo que 57,5% dos casos estudados correspondiam a estes fármacos, entretanto os autores também afirmam a prevalência de medicamentos isentos de prescrição como dipirona, paracetamol e salicilatos.

Silva *et al.* (2016) em um estudo com notificações de tentativas de suicídio em um Centro de Informação e Assistência Toxicológica (CIATox), verificou que os medicamentos mais utilizados são de controle especial como Diazepam, Clonazepam, Fenobarbital, Amitriptilina, Carbamazepina, Haloperidol, entre outros. Entretanto a subnotificação do agente utilizado dificulta a melhor elucidação do caso, uma vez que nem sempre a clínica apresentada pelo paciente pode identificar o agente, dificultando o tratamento e suporte mais direcionado para o caso (SILVA *et al.*, 2016).

Um dos fatores pelos quais a letalidade das intoxicações exógenas não atinja níveis ainda maiores, foi a descoberta de medicamentos psicotrópicos com doses mais seguras, em contrapartida ao que ocorria anteriormente devido ao uso de barbitúricos como o fenobarbital e outros sedativos hipnóticos (BERNARDES; TURINI; MATSUO, 2010). Entretanto, um fato preocupante é que entre as classes farmacológicas como os antidepressivos tricíclicos, a exemplo da Amitriptilina,

possuem um nível terapêutico próximo ao nível tóxico, quando comparado aos inibidores da recaptação da serotonina por exemplo (IRSS) (TOXBASE, 2017) e diante disto, a Amitriptilina se apresenta como um dos medicamentos mais utilizados nas tentativas de suicídio (SILVA; SOUGEY; SILVA, 2015).

Fernandes *et al.* (2006) também corrobora com a informação e acrescenta que há a maior frequência de intoxicação por Amitriptilina, correlacionando o seu potencial tóxico com os dias de internação e óbitos. O autor afirma ainda que a prescrição indiscriminada do fármaco para várias doenças, bem como baixo custo, distribuição pelo sistema público de saúde e conseqüentemente fácil acesso, contribuem para os fatores supramencionados.

Após os medicamentos, os raticidas foram os agentes mais utilizados pelas mulheres, dados semelhantes encontrados por Trevisan, Santos e Oliveira (2013). Os raticidas por se apresentarem para fins domiciliares se apresentam em forma de iscas coloridas, e podem ser facilmente encontrados para a venda (ITHO; PEREIRA, 2005). Os mais comumente encontrados são a Warfarina e Brodifacum, e embora apresentem baixa toxicidade, os envenenamentos podem provocar síndrome hemorrágica, uma vez que interfere na síntese de vitamina K, inibindo a síntese dos fatores da coagulação II, VII, IX e X (ITHO; PEREIRA, 2005).

Em relação aos agrotóxicos, apesar do referencial legal mais importante acerca dos agrotóxicos ser a Lei nº 7.802/89 (BRASIL, 1989), que rege o processo de registro, bem como a utilização, importação, controle, inspeção dos agrotóxicos, entre outros, bem como sua regulamentação pelo Decreto nº 4.074/02 (BRASIL, 2002), atualmente os agrotóxicos são amplamente empregados nos sistemas agrários brasileiros a fim de elevar o potencial produtivo (ALTIERI *et al.*, 2012). É importante salientar que a recorrente exposição dos trabalhadores rurais a estas substâncias acarreta inúmeros distúrbios do sistema nervoso (PERES; MOREIRA, 2007).

Bombardi (2011) evidencia ainda que os inúmeros suicídios podem se relacionar ao desenvolvimento de transtornos psíquicos pelos trabalhadores, sobretudo organofosforados, que podem acarretar neuropatologias. Além disso, muitas vezes os agricultores ao adquirirem estes produtos, contraem dívidas, que

impossibilitados de quitá-las, criam mais uma motivação para o autoextermínio (BOMBARDI, 2011).

Habitualmente, ocorre um padrão de que as tentativas de suicídio com agrotóxicos são mais frequentes entre os homens (PIRES; CALDAS; RECENA 2005; SILVA *et al.*, 2018), o que se verifica no presente estudo.

Vários estudos demonstram ainda que organofosforados e carbamatos são os principais causadores de intoxicações humanas ocorridas principalmente na zona rural (DREBES *et al.* 2018) e, que, dependendo do grupo químico a que pertencem, apresentam elevada toxicidade ao corpo humano (BOCHNER, 2007). Sendo assim, os casos por tentativa de suicídio possuem uma maior ocorrência de sequelas, perdas de seguimento e óbitos (SILVA *et al.*, 2016).

Sequencialmente, observou-se que a diferença entre os números de óbitos não foi significativa, o que difere de estudos locais como de Ribeiro *et al.* (2018) e Thesolim *et al.* (2016), em que se verifica historicamente a incidência elevada de óbitos por suicídio entre os homens em relação às mulheres, o que se observa até em outros países (RIBEIRO *et al.*, 2018; SIMÕES; CANTÃO; BOTTI, 2015).

## **CONCLUSÃO**

A partir dos resultados obtidos, foi possível caracterizar alguns aspectos específicos quanto às tentativas de suicídio na população brasileira, onde verificou-se que o perfil de indivíduos que tentam o autoextermínio consiste em mulheres entre 20 a 39 anos, apresentando ensino fundamental incompleto que utilizam a sobredose intencional de medicamentos, seguido de raticidas. Desta forma, as mulheres possuem maiores chances de ideação e planejamento suicida do que os homens, apesar de que a diferença entre os números de óbitos não foi significativa.

Sugere-se que os óbitos no gênero masculino ocorram principalmente pela ingesta intencional de agrotóxicos, que apesar do arsenal jurídico, este quadro mostra um sério problema da venda livre destes produtos.

Sendo assim, estudos do perfil epidemiológico acerca de intoxicações exógenas, mais especificamente as circunstâncias de tentativa de suicídio subsidiam a formulação e implementação de medidas de prevenção para redução das taxas de suicídio, permitindo identificar indivíduos em vulnerabilidade, ou seja, àqueles em situação de risco ou com histórico de tentativa de suicídio anterior.

Desta forma, torna-se imprescindível ações duradouras de promoção em saúde mental através da atenção básica e assistência psicossocial, muito além da promoção da campanha do Setembro Amarelo, pois o suicídio é um problema de saúde pública, complexo, multifatorial e atemporal que afeta não somente ao indivíduo, mas todas as relações interpessoais no qual o indivíduo encontra-se inserido.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, M. *et al.* Agroecologically efficient agricultural systems for smallholder farmers: contributions to food sovereignty. **Agronomy for Sustainable Development**, v. 32, n. 1, 2012.

ARAÚJO, L.; VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. P. L. Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio. **Psico-USF**, v. 15, n. 1, p. 47-57, 2010.

ARRAIS, P. S. D.; BRITO, L. L.; COELHO, H. L. L. Prevalência e fatores determinantes do consumo de medicamentos no Município de Fortaleza, Ceará, Brasil. **Cad Saúde Pública**, v.21, n. 6, 2005.

BERNARDES, S. S.; TURINI, C. A.; MATSUO, T. Perfil das tentativas de suicídio por overdose intencional de medicamentos atendidas por um Centro de Controle de Intoxicações do Paraná, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 26, n. 7, p. 1366-1372, 2010.

BOCHNER, R. Sistema Nacional de Informações do México-Farmacológicas SINITOX e como intoxicações humanas por agrotóxicos no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, p. 73-89, 2007.

BOMBARDI, L. M. Intoxicação e morte por agrotóxicos no Brasil: a nova versão do capitalismo oligopolizado. **Boletim DATALUTA**, 2011. Disponível em: <[http://docs.fct.unesp.br/grupos/nera/artigodomes/9artigodomes\\_2011.pdf](http://docs.fct.unesp.br/grupos/nera/artigodomes/9artigodomes_2011.pdf)>. Acesso em: 28 Abril 2020.

BOTEGA, N. J. Comportamento suicida: epidemiologia. **Psicologia USP**, v. 25, n. 3, p. 231-236, 2014.

BOTEGA, N. J. **Crise Suicida: avaliação e manejo**. Artmed, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/42690813/botega-n-j-crise-suicida-avaliacao-e-manejo>>. Acesso em 10 Maio 2020.

BRASIL. **Decreto nº 4.074, de 4 de Janeiro de 2002**. Regulamenta a Lei no 7.802, de 11 de

julho de 1989, que dispõe sobre a pesquisa, a experimentação, a produção, a embalagem e rotulagem, o transporte, o armazenamento, a comercialização, a propaganda comercial, a utilização, a importação, a exportação, o destino final dos resíduos e embalagens, o registro, a classificação, o controle, a inspeção e a fiscalização de agrotóxicos, seus componentes e afins, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2002/d4074.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4074.htm)>. Acesso em 10 Maio 2020.

BRASIL. **Lei nº 7.802, de 11 de Julho de 1989**. Dispõe sobre a pesquisa, a experimentação, a produção, a embalagem e rotulagem, o transporte, o armazenamento, a comercialização, a propaganda comercial, a utilização, a importação, a exportação, o destino final dos resíduos e embalagens, o registro, a classificação, o controle, a inspeção e a fiscalização de agrotóxicos, seus componentes e afins, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L7802.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7802.htm)>. Acesso em 10 Maio 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **DATASUS**. Intoxicação exógena - notificações registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Brasil. Disponível em: <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0203&id=29892176&VObj=http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?sinanet/cnv/Intox> [Acesso em 08 de maio de 2020].

CARDOSO, H. F. *et al.* Suicídio no Brasil e América Latina: revisão bibliométrica na base de dados. Redalycs. **Revista Soc Psicologia do Rio Grande do Sul**, v. 12, n. 2, p. 42-48, 2012.

CAVALCANTE, F. G.; MINAYO, M. C. S. E. Estudo qualitativo sobre tentativas e ideações suicidas com 60 pessoas idosas brasileiras. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 20, n. 6, P. 1655-1666, 2015.

COSTA, S. P. *et al.* Internações e Gastos relacionados ao suicídio em um Hospital público de ensino. **Rev Enferm Atenção à Saúde**, v. 4, n. 2, 2015.

DA SILVA, B. F. A. *et al.* O suicídio no Brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 33, n.2, p. 565-579, 2018.

DREBES, L. M. *et al.* Legislação, Política Pública e Suicídio: A Influência do Estado Sobre Vida e Morte de Agricultores Familiares. **Desenvolvimento em Questão**, v. 16, n. 44, 2018.

DURKHEIM, E. **O Suicídio: estudo de sociologia**. Edipro, São Paulo, 2014.

FALK, P. F. A modernidade e a vida cotidiana: suas relações com o suicídio em Pernambuco na década de 1920. **Cadernos de História**, v. 7, n. 7, 2010.

FAUCI, A.S. *et al.* **J. Harrison: manual de medicina**. 17 ed. McGraw Hill: São Paulo, 2011.

FERNANDES, G. *et al.* Impacto das intoxicações por antidepressivos tricíclicos comparados aos depressores do "sistema nervoso central". **Arq Ciênc Saúde**, v. 13, p. 61-65, 2006.

FERREIRA JÚNIOR, A. O comportamento suicida no Brasil e no mundo. **Rev Bras Psicologia**, v. 2, n. 1, 2015.

FREITAS, A. P. A.; BORGES, L. M. Tentativas de suicídio e profissionais de saúde: significados possíveis. **Estud. pesqui. psicol**, v. 14, n.2, 2014.

GONDIM, Ana Paula Soares *et al.* Tentativas de suicídio por exposição a agentes tóxicos registradas em um Centro de Informação e Assistência Toxicológica em Fortaleza, Ceará, 2013. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, p. 109-119, 2017.

GRIGOLETTO, A. P. *et al.* Tentativas de suicídio notificadas em um hospital de ensino no estado do Rio Grande do Sul, 2014-2016. **Rev pesq cuid. fundam online**, v. 12, p. 447-453, 2020.

ITHO, S. F.; PEREIRA, R. H. B. **Módulo XII - Intoxicação por Agrotóxicos**. Curso de Toxicologia. ANVISA. RENACIAT. OPAS. NUTES/RJ. ABRACIT, 2007.

KAPUR, N. *et al.* Self-poisoning suicides in England: a multicentre study. **Q J Medicina Oxford Journals**, v. 98, n. 8, p. 589-597, 2005.

KUCZYNSKI, E. Suicídio na infância e adolescência. **Psicol. USP**, vol.25, n.3, pp.246-252, 2014.

LOUZÃ NETO, M. R.; ELKIS, H. **Psiquiatria básica**. Artmed, Porto Alegre, 2007.

LUEDKE FILHO, E.; FLORA, A. D.; MENDES, L. R. S. Suicídio Juvenil e sociedade: primeiras aproximações. **Cadernos Zysmunt Bauman**, v. 9, n. 20, 2019.

MEDEIROS, A. L. B. **Análise dos casos de tentativa de suicídio por uso de medicamentos em um município paraibano**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2013.

MEYER, T. N.; RESENDE, I. L.C.; ABREU, J. C. de. Incidência de suicídios e uso de agrotóxicos por trabalhadores rurais em Luz (MG), Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 32, n. 116, p. 24-30, 2007.

MOREIRA, D. L. *et al.* Perfil de pacientes atendidos por tentativa de suicídio em um centro de assistência toxicológica. **Cienc Enferm**, v. 21, n.2, 2015.

PERES, F.; MOREIRA, J. C. Saúde e ambiente em sua relação com o consumo de agrotóxicos em um pólo agrícola do Estado do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, n. 4, p. 612-621, 2007.

PIRES, D. X.; CALDAS, E. D.; RECENA, M. C. P. Uso de agrotóxicos e suicídios no Estado do Mato Grosso do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, p. 598-604, 2005.

PONTES, Cleto Brasileiro. **Psiquiatria: conceitos e Práticas**. Lemos Editorial, São Paulo, 1998.

RAMOS, K. A. *et al.* Prevalência de suicídio e tentativa de suicídio no Brasil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 32, 2019.

RIBEIRO, J. M.; MOREIRA, M. R. Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, v.23, n.9, 2018.

RIBEIRO, N. M. *et al.*, Análise da tendência temporal do suicídio e de sistemas de informações em saúde em relação às tentativas de suicídio. **Texto Contexto Enferm**, v. 27, n.2, 2018.

SILVA, R. C. *et al.* Perfil dos casos de tentativa de suicídio registrados no CEATOX, Campina Grande, PB, em 2015. **Anais I CONBRACIS**, v.1, 2016.

SILVA, T. P. S. da; SOUGEY, E. B.; SILVA, J. Estigma social no comportamento suicida: reflexões bioéticas. **Revista Bioética**, v. 23, n. 2, 2015.

SILVA, T. P. S. Estigma social no comportamento suicida: reflexões bioéticas. **Rev Bioet.** v.23, n. 2, p. 419-426, 2015.

SIMÕES, B. F.; CANTÃO, L.; BOTTI, N. C. L. Suicídio em cidades históricas de um estado brasileiro. **Rev Rene**, v. 16, n. 2, 2015.

TEIXEIRA, S. M. O.; SOUZA, L. E. C.; VIANA, L. M. M. O suicídio como questão de saúde pública. **Revista Brasileira em promoção da saúde**, v, 31, n. 3, 2018.

THESOLIM, B. L. *et al.* Suicídios em município do interior de São Paulo: caracterização e prevalência de gêneros. **Rev Bras Multidisciplinar**, v. 19, n. 1, p. 139-47, 2016.

TOWNSEND, E. *et al.* Substances used in deliberate self-poisoning 1985-1997: trends and associations with age, gender, repetition and suicide intent. **Soc Psychiatr Epidemiol**, v. 36, p. 228-234, 2001.

TOXBASE. NPIS. National Poisons Information Service. **Amitriptyline**. Ireland. Disponível em: <<https://www.toxbase.org/poisons-index-a-z/a-products/amitriptyline/>>. Acesso em 05 Maio 2020.

TREVISAN, E. P. T.; SANTOS, J. A. T.; OLIVEIRA, M. L. F. Tentativa de Suicídio de mulheres: dados de um centro de assistência toxicológica do Paraná. **Rev Min Enferm**, v. 17, n. 2, p. 412-417, 2013.

VIDAL, C. E. L.; GONTIJO, E. C. D. M; LIMA, L. A. Tentativas de suicídio: Fatores prognósticos e estimativa do excesso de mortalidade. **Cad Saúde Pública**, v. 29, n. 1, p. 175-187, 2013.

VIEIRA, L. P.; SANTANA, V. T. P. de; SUCHARA, E. A. Caracterização de tentativas de suicídios por substâncias exógenas. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 23, n. 2, p. 118-123, 2015.